

o princípio do fim | parte I



paulo
andrade

veneno

O Autor

Nascido em Maio de 1977, Paulo Andrade faz parte de uma geração que foi cuspidá cá para fora por um bando de incongruentes, bêbados de liberdade e irresponsáveis que devia ter tido mais juízo e atenção na educação que foi dada ao resultado das suas cópulas mal gozadas.

Após um caminho tumultuoso que não interessa a ninguém dedica-se a escrever ordinarices para quem as quer ler e tem muito orgulho disso.

Este volume está sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)



veneno

2012

Como foste capaz de me abandonar aqui? Como pudeste esquecer tudo o que fiz por ti? Fui uma mãe para ti meu bastardo filho de uma puta. Sem mim não és nada! Nada. Só fazes sentido comigo. Ninguém quer saber de ti. Ninguém te vai amar como eu te amo. És feito da mesma merda que eu. És meu. Só meu. Nunca te esqueças! Como tiveste coragem?

1

Sexta-feira, 10 de Agosto de 2012, 13:30:45

Sou um homem cruel. Certo.

Sou um sacana. Certo.

Não me importo. Certo.

Não quero saber um corno dessas merdas, só quero saber é como vou evitar afogar-me no mar de merda onde mergulhei há dez anos atrás quando aceitei vender a minha crueldade, sacanice e o cu por três tostões.

Devia ter mais integridade. Poupava-me a paciência. Não vou nessa treta de haver homens bons e homens maus, não sou nem uma coisa nem outra. Sou um merdas.

Mas sou um merdas de respeito.

Sou um merdas cheio de calor isso sim. Um dos dias mais quentes do ano seguido por mais dois dias ainda mais quentes e eu bem no meio. Boa Hickman...acertas nelas todas.

Tens dedo para estas coisas.

E está calor...derreto com a porra deste calor, não admira que não se calem com o aquecimento global mas serve de pouco consolo dentro desta merda de carro sem ar condicionado. Paciência, só mais um pouco e mando isto tudo para o caralho e piro-me deste mar de merda. Onde está ele? Porra. Só mais uns dias e pufff! Fodam-se uns aos outros a ver se me importo. Eles que se afoguem no lodo...só mais um....

- Hick! Hick!

- Porra Squid! Tem lá calma...cavas a tua sepultura e arrastas-me contigo para ela!

- Abre a bagageira Hick! E não me chames isso!

- Está aberta e vai-te foder com o Hick. Tenho nome!

- Tenho nome....tenho sentimentos...que porra Hick ajuda-me aqui, esta merda é pesada e está um calor dos diabos!

Saio do interior da lata velha e ajudo o gordo Squid a enfiar uma série de pequenas caixas de madeira etiquetadas em cirílico e lacradas na bagageira da velha Mercedes.

- Squid, o velho disse alguma coisa sobre isto? Que merda é esta? Que segredo é este?

- Hick, meu grande ordinário....não sei nada sobre isto nem quero saber. Vamos é levar esta porra embora daqui para a garagem...ainda tens de ir buscar a Princesa.

- Porra Squid, espero para o bem dos nossos testículos que isto seja caviar de contrabando.

- Quê? - o gordo Squid provavelmente já não faz grande uso deles.

- Esquece...e aliás tenho de ir buscar a Princesa.

- Oh sim a Princesa. - os seus dentinhos finos e aguçados perfilam-se num dos sorrisos mais ordinários de hoje. Cuspo para o chão e saco de um cigarro.

A princesa é a neta do velho. O velho é o nosso chefe. É o timoneiro deste navio neste grande mar de merda onde navegamos. Eu e o Squid somos marujos de "confiança", somos "porreiros", somos "dispensáveis". O velho é o respeitado dono da pouco respeitável "Lucky Break Limousine and Car Service", e eu e o Squid, além de motoristas, somos também braço direito do velho e pau para toda a obra. É uma merda, mas uma merda que paga relativamente bem e livre da maior parte de impostos. Paga o suficiente para ir buscar a neta do velho à escola privada e levar a pequena bruxa a fazer os seus haveres. Todos passaram por lá mas eu sou o único que se aguentou. O segredo? O segredo é deixar a criatura fazer o que lhe apetece e mantê-la viva e apresentável no fim disso. Este cabrão amoral aqui presente é o melhor amigo dela e ela sabe que não há melhor arranjo que este. Com a ajuda dela subi muito na consideração do velho e ando metade da viagem de pau feito. A pequena puta diverte-se a provocar-me mas eu controlo-me, quero conservar as minhas partes intactas. Ouvei dizer que um dos sobrinhos do velho não conseguiu manter-se na linha e então o velho pôs-lhe os tomates num cepo e deu-lhes com uma marreta. Contorço-me e ponho a mão entre as pernas enquanto arranco com a velha Mercedes.

Aliás toda a família do velho é um grande problema, um problema grande demais por vezes. Todas as famílias o são. Especialmente quando nos tentam roubar o negócio. O velho tem uma família de merda, como eu. Deve ser por isso que nos damos tão "bem". Saímos da zona do cais, para longe do cheiro a peixe podre e gasóleo, rumo à estrada principal. A Mercedes rola sem dificuldade no alcatrão derretido e o ar forçado não alivia o calor que se faz sentir. Com a camisa colada nas costas e as meias empapadas de suor, juro a mim mesmo que se algum cabrão se meter no meu caminho agora dou-

lhe logo dois tiros nos cornos e mijo-lhe para cima se tiver tempo. Não se pode com este calor. É doentio. Faço sinal e viro para a via rápida.

Ganham-se uns minutos e pode-se acelerar mais um pouco, movimentando mais ar dentro da lata velha.

Sinto os olhos do Squid a queimar-me. O cabrão precisa de consentimento para dizer tudo e mais alguma coisa mas, enquanto não o recebe, massacra-nos com o seu olhar de peixe mal morto.

- O que foi? Estás a galar-me?

- Andas a fumar muito outra vez.

- Sim mãezinha.

- Como anda a Annah?

- Bem.

- E a tua irmã Sara?

- Na mesma.

- Já sabem o que vão fazer?

- Não.

- Deves de estar contente.

- Nota-se assim tanto?

- Não, nem por isso. Mas por norma não gosto de te ver sorrir. És um gajo tarado e doente. Sorris pelos motivos errados.

- Eia Squid, obrigadinho.

- De nada meu ordinário. - pequenos soldados brancos e aguçados mostram-se mais uma vez. Segunda vez hoje.

- É preciso um para reconhecer outro.

A garagem fica numa das zonas comerciais mais respeitáveis e caras da cidade e isso ajuda a manter uma aparência legítima mas, na verdade, o negócio serve uma clientela do mais lúgubre que existe, do pior mesmo. O velho comprou o edifício inteiro há cerca de trinta anos: era uma estação de bombeiros com cerca de cinco andares que o velho reaproveitou como base de operações para os seus negócios e os seus vícios. A zona de garagens com os seus três enormes portões vermelhos manteve-se, a cave além de alojar um sistema de climatização topo de gama alberga também uma lavandaria profissional, e ganhou mais um piso para acomodar a incineradora e câmara frigorífica.

O velho ocupa o último andar todo com o seu escritório e apartamento pessoal, quanto menos tempo passarmos aí melhor, não se augura nada de bom para quem "visita" o velho. O quarto andar é isso sim, um local de visitas, de beijar a mão e lambe-los. O segundo e terceiro andares são ocupados por quartos para visitas, as cozinhas e gabinetes da "administração" e segurança. A "administração" é constituída por uma bruxa velha e seus duendes que comanda os desígnios do edifício com eficácia assustadora. Ela assegura-se de que tudo corre dentro da linha e que todos sabem o seu lugar. O velho confia nela. Eu não. Mas também não confio muito no velho.

No primeiro estão os aposentos da ralé e serviços destinados a quem quer viver aí, como a Gloria.

As minhas funções são simples: faço o que me mandam e pronto. Sou flexível e tenho um código de conduta compatível com o do velho e isso garante a minha sobrevivência.

Se tivesse de especificar os principais serviços da "Lucky Break" diria que fazemos o que

o resto da escumalha não consegue fazer de maneira conveniente e limpa . Desde serviço de transporte de prostitutas, transporte de materiais duvidosos, festas maradas e até serviço de "limpeza". Cristo, só as vezes que já tive de ajudar a forrar de novo as bagageiras das limusinas. Certas manchas nunca saem como deve ser. Fodem os forros todos. Tenho pena da Gloria, uma bela espanholita que faz a limpeza dos carros. O velho chegou com ela à cerca de dois anos a meio da noite e ela estava maltratada como tudo, sangrava da boca e do nariz e acho que tinha sangue a escorrer pela perna abaixo também. Tremia e respirava com dificuldade enquanto abraçava as suas próprias costelas. Um dos seus pequenos seios pendia das roupas rasgadas. Não devia ter mais de dezoito anos. Só eu e o "Squid" sabemos como ela chegou nessa noite. Ela olhava diretamente nos nossos olhos e nunca desviou esse olhar, era feral, odioso. O velho levou-a para o andar de cima e pouco depois mandou o "Squid" buscar a Dr^a e a mim deu-me um saco plástico preto para incinerar. Enquanto descia para a cave abri o saco e vi a blusa de onde pendia o seio. Fechei o saco e alguns minutos após o meter no interior da máquina esta apitou e eu carreguei no grande botão verde. Pelo vidro visor via o saco e as roupas a serem consumidas e desaparecerem. É mais rápido quando são só roupas. Passada uma semana ela desceu mais o velho e ficou hirta e muda ao seu lado enquanto ele falava. Tinha melhor aparência mas continuava com um aspeto frágil, os seus seios pequenos e duros sobressaiam no fato que a "administração" lhe havia arranjado. Parecia mais velha e os seus olhos haviam mudado.

- Meus senhores esta é a Gloria e a partir de agora é a responsável pela limpeza da frota automóvel da "Lucky Break"! Devem lhe dar a assistência necessária. Ela é minha protegida.

Quando o velho disse isso todos nos entre olhamos e o velho, apercebendo-se da incredulidade geral, reforçou as responsabilidades da miúda.

- Toda a limpeza. TODA! Perceberam?

Oh sim percebemos. Claro como água chefe. Certo. Sem falhas. Na boa. Velho cabrão chupa piças.

Os olhos dela eram os olhos de quem tinha feito uma escolha de merda em circunstâncias de merda. Vejo muitas vezes esse olhar.

Existem muitos espelhos no interior dos carros.

Ela ficou. Mais uma atolada num mar de merda. Gosto da miúda, por vezes paro numa estação de serviço e inspeciono os interiores para tirar as merdas mais maradas e porcas. Acho que ela sabe porque não me manda foder tantas vezes como aos outros.

Tem uma boca porca como tudo. Gosto disso.

Paro em frente do portão vermelho da esquerda e introduzo o cartão de acesso no pilar colocado na berma da estrada.

- Abre-te Sésamo! - digo enquanto ponho a mão em frente como se abrisse os portões por magia. Com gotas de suor a escorrer das têmporas e encharcando o colarinho da camisa o gordo Squid abana a cabeça e enche as suas gordas bochechas com ar que expele ruidosamente. Parece uma chaleira antiga a reclamar atenção.

- Por vezes pergunto-me como é que te aguentas tanto tempo sem levar um tiro nos cornos.

- Anda lá Squid, todos me amam... - sopro um beijo ao desgraçado e acelero para dentro da garagem.

- Grande ordinário. - reclama enquanto passa um lenço de papel pela testa.

O velho está à espera com dois macacos ao seu lado.

Não parece feliz. Grande merdas, eu também não ando feliz mas ao menos faço-o com um sorriso.

É a minha política, fodo-te com um sorriso. Ajuda a suavizar as coisas. Para mim pelo menos.

A sua cara enrugada e seca torce-se à medida que manobro o carro de maneira que a bagageira fique discretamente acessível aos dois macacos amestrados vestidos em fatos Gucci mais valiosos que a sua própria existência.

- Estão atrasados. - diz enquanto faz um gesto célere com a mão direita que faz os macacos saltar da sua posição e fazer os seus truques de volta da bagageira. Parecem quase humanos. Pergunto-me se lhes paga em bananas e os fecha numa jaula quando a noite cai. O gordo "Squid" salta fora empapado suor e quase que se mete de joelhos em frente do velho. Aposto que se o velho sacasse da picha murcha e o mandasse chupar, o gordo Squid o faria com alegria.

- Desculpe Sr. Mackey, estava trânsito e com o calor havia muitos carros parados e estradas cortadas...desculpe não volta a acontecer.

O velho vira-se para mim e dispara logo a sua língua minguada e bexigosa na minha direção:

-Estás atrasado.

- Sim Sr. Mackey, vou já.

- Leva a número três, a Gloria limpou-a agora mesmo. E já agora vai-te lavar também!

Transpiras como um porco! - aceno com a cabeça afirmativamente.

Saio da lata velha e acendo um cigarro enquanto me dirijo aos vestiários.

Tenho de me pôr bonito para a princesa. Os porcos suam? Provavelmente sim, mas não usam camisas da piça como eu que ficam encharcadas de suor e a feder como tudo.

Puxo uma baforada do Camel e reparo numa pequena nódoa de sangue no punho da camisa. Grande merda. Que porra de calor...que porra de dia.

Após tomar um banho e vestir uma camisa lavada e um fato limpo sinto-me muito melhor. A Annah haveria de gostar de me ver assim todo pimpão....já não gostaria muito era de saber porquê.

Saco mais um cigarro e vou fumando enquanto caminho em direção à limusina. Gloria está ao lado da porta do condutor com as chaves dependuradas no dedo e um olhar severo.

- Agora vê se aquela puta me emporcalha a merda da limusina outra vez.

Ainda estou para saber o que ela faz aí dentro.

- Gloria, então! É a neta do velho...temos de mostrar algum respeito.

- Respeito o caralho, essa puta depravada e drogada não merece uma grama de respeito.

- Ok Gloria...vou tentar que ela não suje a limusina demasiado.

- Tentar? Tentar? Essa vaca faz o que lhe dá na gana.

- Anda lá relaxa Gloria. Olha fazes-me um favor? Leva-me isto lá abaixo...está...sujo.

- Pois, sujo, aqui é tudo sujo. Meu grande anormal...vê se tens juízo. - coloca-me as chaves na mão e afasta-se dizendo palavrões em espanhol que não me parecem nada bons.

- Obrigado Gloria! - grito-lhe enquanto olho para o seu rabo firme.

- Vai-te foder! - diz ela enquanto me mostra o seu magro dedo do meio. Imagino-me a chupar-lhe o dedo enquanto enfio as mãos por debaixo da blusa e lhe agarro as suas pequenas peras enquanto ela me manda foder. A minha piça dá sinal de vida.

Apago a beata no chão, empurro-a para dentro das grelhas de escoamento e entro dentro da Pullman. Ligo o meu leitor mp3 ao rádio e aproveito a viagem de vinte minutos até ao colégio para ouvir um pouco de música, o senhor Terry Reid começa a encher a limusina com a suas belas guitarradas e eu começo a pensar que talvez a vida não seja assim tão má. Há esperança e o velho prometeu. O velho não costuma falhar nessas merdas. Segunda-feira estou livre. Estamos livres. Só mais uns dias cabrão, aguenta-te. Pego na Annah, fecha-se a loja por uns tempos e vou mandar umas fodas num sítio onde haja mar e gajas de biquíni.

A Annah precisa de um pouco de cor, aquelas grandes mamãs precisam de saltar cá para fora e respirar um pouco ao ar livre...uma judia quer-se bem bronzeadas como as gajas de Israel. O serviço militar faz-lhes bem mas mesmo sem o treino a Annah é bem mais perigosa que todas elas juntas. Aquele nariz de judia e aquela cona encaracolada fazem-me perder a cabeça e ela sabe disso. Aproveita-se ao máximo disso. Sou um merdas fraco. Rendo-me logo a uma cona emproada e a um empadão de carne caseiro. Já estou de pau feito só de pensar naquelas grandes mamãs e em comer aquela rata peluda, vai ser uma viagem longa. Um fim de semana longo como tudo. Tento distrair-me cantarolando a canção que está a passar no sistema de som.

As I look through my window

Many sights to see

And as I look through my window

Many people I wish that I could be

It's strange

It's so very very very strange....

Sim Sr Reid é isso mesmo. Eu imagino-me de forma diferente. Vai ser diferente. Tenho certeza.

Merda, tenho mesmo a certeza. O percurso até ao colégio é bem do meu agrado, saio desta trampa de cidade e entro dentro de um cenário bem mais agradável e limpo. Desacelero um pouco e abro as janelas para respirar um pouco de ar puro, quente mas limpo. Não é como na cidade onde tudo se parece derreter sob o sol implacável deixando um característico cheiro a alcatrão e merda. Até as pessoas derretem, as putas, os chulos, os pedintes, os drogados, os pedófilos, os advogados... todos derretem e exalam o cheiro da sua existência para o ar. E todos gritam enquanto derretem, enchem o ar com o seu cheiro e com os seus gritos de agonia. Não se pode escapar. Cada dia que passa está pior, já não se pode andar à vontade em lugar nenhum, ninguém respeita nada e anda tudo negligenciado e abandonado. Mas assim sim, e a parte melhor é que não se vê quase ninguém. Não há cabrões pedantes, pelo menos para já, nem pedintes cabrões, só natureza, os passarinhos e os bichinhos afins. Era gajo para me habituar a isto, na paz e sossego do campo. Podia tomar banhos de sol todo nu

e mandar uns valentes traques à vontade pois não havia ninguém por perto. E hoje em dia estamos todos perto demais e falamos todos demais sem dizer nada.

Somos todos irmãos bastardos uns dos outros, é doente.

Um gajo arrisca-se a mandar umas fodas com a própria irmã ou algo parecido hoje em dia. Acontece. Não que haja algo de errado com isso mas não pode é engravidar. O mundo já tem anormais suficientes.

No meio do nada um gajo arrisca-se a encontrar paz. A limusina entra numa alameda com belos plátanos que leva aos enormes portões de ferro do colégio onde tenho de me identificar e esperar por autorização de entrada, um guarda armado com ar de poucos amigos faz-me companhia.

Fico a olhar para a criatura fardada que se assemelha estranhamente a Rocco Siffredi. A ideia de ter alguém como o Rocco como guarda num colégio só para miúdas faz-me esboçar um sorriso sacana.

O gajo deve se ter apercebido e recua dois passos pondo a mão no coldre da arma, lembro-me logo do equipamento de série dos carros do velho, Glock 23 escondida na coluna de direção do lado direito e uma Glock 17 no porta luvas. O velho até nos obriga a ir praticar uma vez por semana.

Devemos ser os cabrões mais bem treinados no negócio da "mobilidade". Acho que conseguia sacar e disparar a vinte e três primeiro. Sim acho possível.

Ouçó apenas o som dos motores das câmaras de vigilância e o zunir do rádio do segurança e nada mais, que paz! Podia habituar-me a isto.

A autorização chega passados dois minutos, o guarda relaxa e tira a mão do coldre, eu

relaxo também e espero que ele abra os portões para eu ir buscar a pequena bruxa e pôr-me a andar dali para fora. Estes colégios não me inspiram confiança. Estão cheio de bastardos, de pequenos ranhosos ricos que são demasiado problemáticos para as famílias e são enterrados aqui até passarem a ser um problema da sociedade em geral e não só das famílias. Quando menos se espera tenho-os a mandar riscos de coca no cu de uma puta na parte de trás da limusina e a tentar matar a mesma minutos depois porque lhes lembra a mãe. Pessoalmente estou farto desta malta.

Demoro dois minutos a chegar ao edifício principal onde mais um segurança e uma das conselheiras do colégio me esperam, paro a limusina e saio em direção da comitiva de receção.

- Está atrasado. - diz a conselheira com um sorriso falso como tudo. O segurança parece-me enfastiado com a espera.

- Sim. - confirmo a extrema estupidez da vaca em afirmar o óbvio e correspondo com um sorriso equivalente. É melhor não dar grande confiança a esta gente. A palavra do dia é "atrasado" pelos vistos. Só me falta a Annah me dizer que há um atraso qualquer também.

- Bem, não há problema. A menina Mackey já se encontra a caminho. - O sorriso alarga-se mais uns milímetros. Parece-me genuinamente satisfeita por se livrar da pequena bruxa. Uma pequena ruiva desce as escadas até ao pátio, veste calças ganga preta rasgada, ténis amarelos e uma t-shirt de Skrillex bem justa e colada ao seu corpinho adolescente. Abre caminho pelo meio do dois paspalhos e atira a mochila para os meus pés. Um cheiro doce a citrinos invade as minhas narinas.

- Olá Pete!

- Olá Emma. Pronta?

- Sim, estás atrasado!

- Sim Emma, eu sei. - pego na mochila dela e coloco-a na bagageira enorme da Pullman.

- Vou à frente contigo!

- Emma talvez seja melhor... - calo-me logo quando ela se põe a olhar diretamente nos olhos. Ela quer ir à frente. Que se dane, ao menos não emporcalha o resto.

A conselheira estica os cantos da boca mais uns milímetros, mais um pouco e a boca rasga-se toda como se fosse uma folha de papel de jornal. Grande vaca, já não leva uma foda de jeito à algum tempo. De certeza. Eu rasgava-lhe aquela boca toda a sério.

- Vamos Pete!

- Sim Emma. - despeço-me educadamente da conselheira e faço um aceno de cabeça ao segurança que pega no rádio para avisar que vamos a sair. Ouço Terry Reid a vir do sistema de som da limusina.

-Por amor de Deus Pete...que idade tens tu? Esta merda é velha como tudo!

Emma Mackey, dezassete anos de idade. Fã de Skrillex. Cheira a laranjas. Peter Hickman trinta e sete anos, fã de Terry Reid, cheira a Camel e é o seu melhor amigo. O mundo está perdido. Mas daí, todos andamos perdidos.

Porra.